

#cm

2

QUINTA-FEIRA

Pêmio Fita
anuncia
vencedores de
sua 17ª edição

PÁGINA 3



Autoralidades
em desfile nas
telas do Festival
do Cairo

PÁGINAS 4 E 5



Chico Chico
lança novo
disco no Circo
Voador

PÁGINA 6



Divulgação/Netflix

Série brasileira da Netflix, ‘os Donos do Jogo’ alcança primeiro lugar global em produções de língua não-inglesa e já tem segunda temporada em produção

O universo clandestino do jogo do bicho e seus bastidores hanham holofotes e visibilidade na telinha da Netflix. “Os Donos do Jogo”, produção brasileira que estreou em 29 de outubro, transformou-se em fenômeno de audiência ao conquistar o primeiro lugar entre as séries de língua não inglesa mais assistidas da plataforma em sua primeira semana comple-

ta no catálogo. O dado, divulgado pela própria Netflix, revela que a série acumulou 5,9 milhões de visualizações entre os dias 3 e 9 de novembro, garantindo também o segundo lugar no ranking global de todas as séries — ultrapassando inclusive “Ninguém Quer”, que liderava desde 23 de outubro. **Continua na página seguinte**

Albert Andrade/Netflix



Netflix confirma a segunda temporada

André Lamoglia (Profeta) em imagem de divulgação do anúncio da nova temporada de 'Os Donos do Jogo'

O sucesso de audiência de 'os Donos do Jogo' não se limitou às fronteiras brasileiras. A trama sobre bicheiros cariocas entrou no Top 10 de 47 países e territórios, posicionando-se como a mais assistida — entre todos os idiomas — no Brasil, Paraguai, Portugal e Ilhas Maurício. Números que surpreenderam até mesmo os produtores, acostumados a ver conteúdos nacionais performarem bem domesticamente, mas raramente conquistarem dimensão global com tanta rapidez.

Para dar vida a essa história intensa, a produção reuniu um elenco de grandes talentos. Nomes como André Lamoglia, Chico Diaz, Giullia Buscaccio, Juliana Paes, Mel Maia e o cantor Xamã lideram a trama. O time de estrelas se completa com atuações de Adriano Garib, Bruno Mazzeo, Dandara Mariana, Henrique Barreira, Igor Fernandez, Pedro Lamin, Ruan Aguiar, Stepan Nercessian e Tuca Andrada.

A repercussão internacional já rendeu frutos concretos e a Netflix confirmou nesta quarta-feira (12) a realização da segunda temporada,

que já está sendo escrita e as gravações estão previstas para 2026. Contratos do elenco já foram assinados prevendo a continuidade, e fontes ligadas à produção indicam que o personagem Renzo, interpretado por Bruno Mazzeo, ganhará protagonismo na nova leva de episódios. A história, segundo os criadores, nasceu projetada para quatro temporadas — planos que agora parecem cada vez mais reais diante da recepção do público.

Criada por Heitor Dhalia — diretor de "DNA do Crime" — ao lado de Bernardo Barcellos e Bruno Passeri, a série inaugura o universo

das produções de máfia na Netflix Brasil. Com oito episódios de aproximadamente 55 minutos cada, produzidos pela Paranoid, a trama acompanha a ascensão de Jefferson Moraes, conhecido como Profeta, interpretado por André Lamoglia. Jovem ambicioso, Profeta busca expandir os negócios do jogo do bicho no Rio de Janeiro movido por um combustível explosivo de poder, dinheiro e traição. Ao seu lado estão o pai Nélio, vivido por Adriano Garib, e os irmãos Nelinho e Esqueleto, além do fiel aliado Sombra.

Do outro lado do tabuleiro está a tradicional família Guerra, lide-

rada por Búfalo — personagem de Xamã — que assume os negócios após o patriarca Jorge Guerra, interpretado por Roberto Pirillo, ficar debilitado. Búfalo compartilha o poder com a esposa Suzana, papel de Giullia Buscaccio, e a cunhada Mirna, vivida por Mel Maia. A disputa entre as suas famílias Moraes e mais os clãs Fernandez e Saad remonta narrativas de clássicos do gênero de máfia, mas temperada com elementos inconfundivelmente brasileiros — do Carnaval à musicalidade carioca, da violência urbana às estratégias de poder típicas da contravenção carioca.

Xamã, que celebrou o primeiro lugar nas redes sociais, revelou nos bastidores da produção os desafios de construir um personagem simultaneamente carismático e ameaçador. "Na hora que eu olhava pra cara dele, dava uma vontade de rir, mano. Fazer cara de mau era um desafio", confessou o rapper ao falar sobre as cenas com o amigo André Lamoglia. "Foram muitas cenas de força, de impacto, e não tem como fazer isso se não houver respeito e amizade do outro lado." A química entre os dois atores, que interpretam rivais mortais na tela, construiu-se justamente sobre essa camaradagem nos intervalos de filmagem.

Lamoglia, por sua vez, definiu a série como "uma máfia carioca, muito bonita, muito sexy", destacando a incorporação orgânica de elementos culturais brasileiros que transcendem o estereótipo e constroem uma identidade própria para a produção. O ator, que ganhou projeção internacional com "Outer Banks", também da Netflix, tem em Profeta um personagem mais sombrio e moralmente ambíguo que seus papéis anteriores — exercício que, segundo ele, exigiu mergulho profundo nas motivações de alguém disposto a tudo pelo poder. O elenco de peso inclui ainda Juliana Paes e Chico Diaz.

A série retrata com autenticidade e ritmo cinematográfico um submundo que já foi tema de inúmeros filmes e documentários, mas raramente recebeu tratamento de produção internacional com orçamento robusto e ambições globais.

O teatro sempre bem na Fita

Cerimônia da 17ª edição do prêmio consagra Samuel de Assis e Mel Lisboa como grandes vencedores e celebra 55 anos de carreira de Diogo Villela



Divulgação

A Casa de Cultura Laura Alvim foi palco de reencontros e reconhecimento na entrega do 17º Prêmio Fita de Teatro, que encerrou o ciclo da Festa Internacional de Teatro de Angra realizada em setembro. A noite teve como momento central a homenagem a Diogo Villela, que completou 55 anos de trajetória artística justamente durante a última edição do festival em Angra dos Reis. O veterano, visivelmente emocionado, fez questão de compartilhar o palco com Osmar Prado, seu parceiro de longa data, que havia acabado de receber o Prêmio Especial do Júri, por sua atuação em “O Veneno do Teatro”, descrita pelo júri como “uma declaração de amor à profissão”.

Entre os 12 espetáculos premiados em 18 categorias, dois se destacaram ao conquistar três troféus cada. “E Vocês, quem São?” levou

VENCEDORES DO 17º PRÊMIO FITA DE TEATRO

- ✱ Melhor Espetáculo: E Vocês, Quem São?
- ✱ Prêmio Especial do Júri: Osmar Prado
- ✱ Dramaturgia: Mouhamed Harfouch (Meu Remédio)
- ✱ Direção: Nelson Baskerville (Mary Stuart)
- ✱ Ator: Samuel de Assis (E Vocês, Quem São?)
- ✱ Atriz: Mel Lisboa (Rita Lee – Uma Autobiografia Musical)
- ✱ Ator Coadjuvante: Chris Penna (O Bem Amado)
- ✱ Atriz Coadjuvante: Débora Reis (Rita Lee – Uma Autobiografia Musical)
- ✱ Trilha Sonora: Larissa Luz e Os Capoeira (E Vocês, Quem São?)
- ✱ Cenário: Eric Lenate (Novas Diretrizes em Tem-

pos de Paz)

- ✱ Figurino: Kelly Siqueira e Mariana Baffa (O Elogio da Loucura)
- ✱ Iluminação: Wagner Freire (Mary Stuart)
- ✱ Revelação: Bernardo Coimbra (A.M.I.G.A.S.)
- ✱ Produção: Marília Milanez (O Bem Amado)
- ✱ Prêmio de Humor: A Coisa
- ✱ Categoria Especial: Equipe técnica de palco de Ficções (Conceição Telles, Daniel Benevides, Gerson Porto e Marieta Vasconcelos)
- ✱ Júri Popular: Rita Lee – Uma Autobiografia Musical
- ✱ Prêmio Infantil Fitinha: Era uma Vez no Sítio do Pica Pau Amarelo

os prêmios de Melhor Espetáculo, Melhor Ator e Trilha Sonora, esta última creditada à direção musical de Larissa Luz e Os Capoeira. Para Samuel de Assis, a vitória na categoria individual teve peso especial: foi seu primeiro prêmio de interpretação em 26 anos de profissão. A

conquista ganhou ainda mais significado pela presença de Mel Lisboa no palco, também como vencedora. “Está difícil controlar a emoção porque este foi o primeiro palco em que subi na vida, aos 8 anos. E vi o Samuel vencer junto comigo. Nós estivemos juntos na Fita em 2016

com o espetáculo ‘Othelo’ e agora estamos aqui mais uma vez, cada um com seu troféu”, declarou a atriz ao receber o prêmio das mãos de Cláudio Ferreti, prefeito de Angra dos Reis.

Mel Lisboa foi duplamente premiada por sua atuação em “Rita

Lee – Uma Autobiografia Musical”, levando os troféus de Melhor Atriz e a distinção na categoria principal. O espetáculo, que celebra a trajetória da cantora e compositora, ainda rendeu o prêmio de Atriz Coadjuvante para Débora Reis e conquistou o público ao vencer na votação popular. A escolha confirma a força das biografias musicais no teatro contemporâneo brasileiro, gênero que tem se consolidado como ponte eficiente entre diferentes gerações de espectadores e mantém em cena a memória de artistas fundamentais da cultura nacional.

O espetáculo de Diogo Villela, “O Bem Amado”, não ficou de fora da festa e garantiu dois prêmios: Melhor Ator Coadjuvante para Chris Penna e Melhor Produtora para Marília Milanez. A montagem revisita a obra de Dias Gomes em um momento no qual o teatro brasileiro tem buscado resgatar textos clássicos da dramaturgia nacional, oferecendo novas leituras para obras que marcaram a cena política e cultural do país nas décadas passadas.

Outro destaque da noite foi “Mary Stuart”, que liderou as indicações e converteu parte delas em vitórias nas categorias de Melhor Direção, para Nelson Baskerville, e Melhor Iluminação, com Wagner Freire. Ambos os prêmios foram recebidos pela atriz Virginia Cavendish, que representou a produção. A montagem da obra de Friedrich Schiller reafirma o interesse do teatro brasileiro pelo repertório clássico europeu, especialmente aquele que dialoga com questões contemporâneas de poder e gênero.

Entre os demais vencedores, Mouhamed Harfouch foi premiado por sua dramaturgia em “Meu Remédio”, enquanto Eric Lenate conquistou o prêmio de Melhor Cenário por “Novas Diretrizes em Tempos de Paz”. O figurino de “O Elogio da Loucura”, criado por Kelly Siqueira e Mariana Baffa, também foi reconhecido, assim como Bernardo Coimbra na categoria Revelação pelo trabalho em “A.M.I.G.A.S.”.

Confira a premiação completa no quadro ao lado

Pirâmide não é luxo de faraó



Produções do Egito e da Turquia inauguram a competição pelo cobiçado troféu do Festival do Cairo, que já consagrou cults de grifes autorais

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Idealizado em referência (e reverência histórica) ao mais famoso patrimônio cultural egípcio, o troféu do Festival Internacional de Filmes do Cairo (CIFF) se chama Pirâmide de Ouro e ele é entregue anualmente ao melhor longa-metragem de um certame que, em 2025, congrega 14 produções de distintas latitudes. O júri de 2025, presidido pelo cineasta turco Nuri Bilge Ceylan (de “Sono de Inverno”), tem mais duas láureas em formato piramidal para entregar: uma, de prata, coroa a melhor direção, e a outra, de bronze, celebra a melhor narrativa concebida por cineasta estreante.

Títulos cultuados como “A Camareira do Titanic” (1997), do espanhol Bigas Luna (1946-2013), e “Mediterrânea” (2015), do italiano Jonas Carpignano, foram coroadas com o prêmio cinematográfico de maior prestígio da pátria dos faraós. A partir desta quinta-feira, uma imponente safra de expressões autorais se candidata à vitória nas telas do Egito, sendo o primeiro competidor um representante da casa, feito em dobradinha com a Palestina: “One More Show”, de Mai Saad & Ahmed Eldanf.

É um concorrente que foi filtrado no coador da esperança. Sua trama se passa em meio à devastação do genocídio perpetrado por Israel em Gaza, onde um grupo de artistas circenses se recusa a deixar o desespero tomar conta do palco. “One More Show” acompanha a



Divulgação

‘One More Show’ é um documentário sobre palhaçaria em meio aos dramas humanos vividos em Gaza



Divulgação

‘As We Breathe’ fez barulho nos festivais de San Sebastián e Toronto

trupe The Free Gaza — formada por Youssef, Batout, Ismail, Mohamed e Just — depois de serem deslocados de um extremo norte para o sul da cidade, enquanto transformam sua arte num ato de resistência e resiliência e esperança. Com a morte pairando a seu redor, a trupe se apresenta para crianças em abrigos e nas ruas, oferecendo momentos de alegria a quem batalha para escapar de tiros e de bombas.

Ainda nesta quinta, Ceylan e



Divulgação

‘Once Upon a Time in Gaza’, o longa mais badalado entre os postulantes à cobiçada Pirâmide de Ouro

seu júri apreciam mais um dos candidatos à Pirâmide dourada: “As We Breathe”, de Seyhmus Altun, vindo da Turquia. Essa produção fez barulho nos festivais de San Sebastián e de Toronto antes de bater ponto no Egito. Nela, somos levados a uma pequena cidade da Anatólia, no início dos anos 2000, onde o mundo cartesiano de Esmá, de dez anos, desmorona silenciosamente após uma explosão em uma fábrica provocar um incêndio im-



Divulgação

‘The Silent Run’, um estudo sobre imigração

placável. Enquanto a fumaça envenena a terra e sua família luta para sobreviver, a garota se agarra ao que resta de sua infância.

O mais badalado (previamente) dos 14 concorrentes à Pirâmide de Ouro virou sensação na 49ª Mostra de São Paulo, no mês passado: “Era Uma Vez Em Gaza” (“Once Upon a Time In Gaza”), de Tarzan & Arab Nasser (Palestina/ França). A seção Un Certain Regard do Festival de Cannes deste

ano rendeu-se a essa tensa narrativa ambientada na faixa mais quente de conflitos do Oriente Médio, em 2007, e deu a ela a láurea de Melhor Realização. Yahya, um jovem estudante, faz amizade com Osama, um carismático e generoso dono de restaurante. Juntos, eles passam a vender drogas em meio as entregas de sanduíches de falafel, mas logo se veem obrigados a lidar com um policial corrupto e seu ego inflado. Sua projeção no Cairo será nesta sexta. No mesmo dia, rola sessão de mais um competidor de peso: “The Silent Run”, de Marta Bergman, da Bélgica. É um estudo sobre imigração. No roteiro, os imigrantes Sara, Adam e sua filha de dois anos chegaram ilegalmente à Europa, por fronteiras belgas, e esperam finalmente conseguir chegar à Inglaterra. Amontoados com outros refugiados na parte de trás de uma van, eles provam do medo, que começa a prevalecer sobre a esperança. Um policial complicará a vida desse pessoal, colocando sua própria farda em xeque, num dilema ético acerca de sua intolerância.

A atração mais esperada desta sexta no CIFF está numa seção paralela ao concurso oficial e tem Lucy Liu no elenco. Alçada à condição de estrela na versão do seriado “As Panteras” para a telona, em 2000, e eternizada como vilã ao som de “Don’t Let Me Be Misunderstood” em “Kill Bill: Volume 1” (2003), a atriz dá um passo além na carreira à frente de uma produção com cheiro de Oscar: “Rosemead”. Ela passou por Tribeca (NY) e por Locarno, na Suíça, com essa joia. Situado no coração do San Gabriel Valley, com base numa história real, o filme é a saga de uma imigrante chinesa com doença terminal que descobre a perturbadora fixação de seu filho adolescente por tiroteios em massa. À medida que sua saúde se deteriora, ela toma medidas cada vez mais desesperadas - e moralmente complexas - para protegê-lo e enfrentar as trevas que o atraem. O enredo é perfumado de polêmica.

O Festival do Cairo chega ao fim no próximo dia 22, com a exibição do tunisiano “A Voz de Hind Rajab”, da diretora Kaouther Ben Hania.

Egito de ‘Corpo e Alma’



A diretora húngara Ildikó Enyedi visita o Festival do Cairo para celebrar a força feminina nas telas e para

exibir um drama metafísico cujo protagonismo é de um Gingko biloba

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Atento às opressões sexistas do mundo árabe, o Festival do Cairo se empenha, ano a ano, em suas quatro décadas, a celebrar as resistências femininas ao jugo machista, reservando lugar nobre para diretoras autorais em sua grade competitiva e convidando realizadoras famosas pela aposta na sororidade para palestras abertas a estudantes. É o caso, nesta edição de nº 46 da visita de Ildikó Enyedi, realizadora húngara indicada ao Oscar.

Ela tem uma palestra na terra dos faraós no próximo dia 18, no Teatro Ópera, na capital Egípcia. Exibirá por lá “Amiga Silenciosa” (“Silent Friend”), drama delicado, laureado com o Prêmio da Crítica no Festival de Veneza, onde concorreu ao Leão de Ouro. A cineas-

ta é respeitada não só pela força estética de sua (curta) obra, mas por mobilizar (sempre que volta aos cinemas) uma quantia bojudade de pagantes. Ficou meses a fio em cartaz com o longa que lhe deu notoriedade: “Corpo e Alma”, ganhador do Urso de Ouro da Berlinale, em 2017. A realizadora vai receber, durante sua passagem pelo festival egípcio, um prêmio honorário da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci) por seus préstimos à arte.

“Existe uma riqueza sentimental enorme em pessoas que são fechadas em si. É isso o que eu tentei explorar, interessada na delicadeza”, disse Ildikó ao Correio da Manhã, quando escrevia o roteiro de “A Amiga Silenciosa”, que tem Tony Leung em seu elenco.

Ela é um dos expoentes de um movimento chamado Outono Húngaro, que explodiu com a



Divulgação

O Gingko biloba é testemunha ao torvelinho de ‘A Amiga Silenciosa’

Jens Koch



A diretora húngara Ildikó Enyedi fará palestra no Cairo no dia 18

consagração de “O Filho de Saul”, de László Nemes, em 2015. “Eu venho de um país que pode ser assustador sob muitas óticas, na política e na economia, mas que desenvolveu um cinema muito potente num intervalo de tempo que, não corresponde ao período fértil da minha geração. Nos últimos 30 anos, em meio aos problemas que eu e meus contemporâneos encaramos, cresceu uma nova turma, com um cinema inovador”, diz a cineasta, que rodou curtas, documentais e a versão húngara da série “Em Terapia”. “É um orgulho ver que grandes autores cinematográficos estão surgindo da minha nação”.

“A Amiga Silenciosa” rendeu o Prêmio Marcello Mastroianni de Melhor Revelação para Luna Wedler no Festival de Veneza. Seu enredo se desenrola no coração

de um jardim botânico em uma cidade universitária medieval da Alemanha, onde se vê um majestoso Gingko biloba. Testemunha muda da História, a planta acompanha, por um século, os discretos ritmos de transformação de três vidas humanas. Em 2020, um neurocientista de Hong Kong, dedicado a estudar a mente dos bebês, inicia um experimento inesperado com a antiga árvore. Em 1972, uma estudante é profundamente marcada pelo simples gesto de observar um gerânio e se conectar a ele. Em 1908, a primeira aluna mulher da universidade descobre, pelas lentes de uma câmera fotográfica, padrões sagrados do universo escondido nos vegetais. A partir desse velho gingko, Ildikó nos aproxima do que significa ser humano, em busca por pertencimento.

Divulgação



O cineasta romeno Bogdan Muresanu integrará o júri do Cairo

Soluções da História

Quem venceu a competição oficial do Cairo em 2024 foi o painel histórico à moda romena “O Ano Novo Que Nunca Veio” (“The New Year That Never Came”), antes coroado com o prêmio oficial da mostra Horizontes do Festival de Veneza. Seu realizador, Bogdan Muresanu, é um dos artistas essenciais à manutenção do interesse mundial pelas imagens

que se produzem em Bucareste e arredores. Meses depois de correr mundo com a animação “The Magician” (“O Mágico”), lançada em junho no Festival de Annecy (a Meca dos desenhos, sediada na França), o cineasta regressa ao Egito, agora como jurado oficial. O júri de longas, do qual faz parte, tem como presidente o diretor turco Nuri Bilge Ceylan. Julgar filmes

é uma forma de Bogdan fazer uma pós-graduação poética nas Ciências Sociais do audiovisual.

“A História não é confiável. Ele escrita por vencedores. Aí entra a arte. Arte não lida com certezas, mas, sim, com sombras. A perspectiva da arte é a dúvida”, disse o cineasta ao Correio da manhã no Festival de Buenos Aires, o Bafici, onde ganhou uma retrospectiva,

em abril. “Eu nasci na Romênia de Nicolae Ceausescu (estadista que governou aquele país de 1965 a 1989 como secretário do Partido Comunista). A presença dele ainda se faz sentir toda vez que alguém, lá, começa a falar bem do Comunismo. Quem fala assim não deve se lembrar mais de como ele era. A Romênia daquele tempo era um lugar sombrio. Parecia que vivíamos uma noite perpétua”.

O Festival do Cairo segue até o dia 21 de novembro. (R. F.)

Chico Chico acende o fogo na Lona

Cantor lança seu potente 'Let it Burn - Deixa Arder' nesta quinta no Circo Voador

Por Affonso Nunes

Enquanto a indústria musical se rende ao imediatismo dos singles e EPs, Chico Chico segue pelo lado oposto com "Let It Burn - Deixa Arder", álbum com 20 faixas que terá seu show de lançamento nesta quinta-feira (13) no Circo Voador. Este terceiro álbum de estúdio é a aposta mais ambiciosa da carreira do cantor e compositor, que vem se consolidando na cena musical justamente pela recusa em acomodar-se em fórmulas prontas.

O filho de Cássia Eller, o artista vem construindo sua própria identidade musical desde 2015, quando estreou com a banda 2x0 Vargem Alta, passando pelos álbuns solo "Pomares" (2021), embalado pelo hit "Ribanceira", e "Estopim" (2024), até chegar a este trabalho que amplifica referências e demonstra maturidade vocal conquistada ao longo de uma década de estrada.



Zabenzi/Divulgação

Das 20 faixas do álbum, 16 são composições autorais, incluindo parcerias, além de uma canção de Sal Pessoa, "Na Minha Idade", e três releituras que funcionam como pontes

entre universos culturais distintos: "Vila do Sossego", de Zé Ramalho, "Girl From the North Country", de Bob Dylan, e "Four and Twenty", de Stephen Stills. Produzido por

Pedro Fonseca, o disco recusa-se a permanecer num único território sonoro. A jornada começa com "Tanto Pra Dizer", quase um cartão de visitas que revela uma faceta romântica, mas logo o fogo se espalha e Chico exerce sua autoridade num blues, "Two Mother's Blues", numa milonga, "Lugarzinho", com o bandoneon de Richard Scofano, num groove abrasileirado, "Hora H", num gospel, "Acaso Inevitável", e na delicada "Canção de Ninar".

"Cada música que o Chico me apresentava eu tinha uma ideia bem distinta de arranjo e busquei ser fiel a cada gênero, usando instrumentações apropriadas para cada um deles", comenta Pedro Fonseca, produtor do álbum. Essa atenção aos detalhes se manifesta em faixas como "Parabelo da Existência", que conta com Josyara, Marcos Suzano e Carlos Malta, ou na faixa-título, que passeia por sonoridades do Dixieland Jazz. O que diferencia este trabalho dos anteriores é justamente essa amplitude de referências e a maturidade vocal do artista. A opção por um álbum extenso é uma potente declaração de princípios num momento em que a lógica dos algoritmos privilegia a fragmentação.

SERVIÇO

CHICO CHICO - LET IR BURN - DEIXA ARDER

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa) | 13/11, às 22h | Ingressos esgotados

Sandra Pêra reencontra Gonzaguinha

Atriz e cantora apresenta repertório baseado em álbum que celebra os 80 anos do compositor

Sandra Pêra sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras nesta quinta-feira (13) para apresentar o show "Eu Apenas Queria Que Você Soubesse", trabalho que revisita a obra de Luiz Gonzaga Jr., o Gonzaguinha. O espetáculo tem como base o álbum homônimo lançado pela Biscoito Fino em homenagem aos 80 anos de nascimento do compositor, morto precocemente em 1991, aos 46 anos, vítima de acidente automobilístico.

O repertório transita entre sucessos consa-

grados como "O Que É, O Que É?", "Explode Coração" e "Começaria Tudo Outra Vez", e composições menos badaladas do cancionário de Gonzaguinha, caso de "Morro de Saudade" e "Borboleta Prateada". A canção que intitula o projeto foi dedicada pelo compositor à própria Sandra, com quem teve sua única filha, Amora Pêra, hoje responsável pela direção musical do show ao lado de Paula Leal.

Essa proximidade atravessa a concepção do trabalho, que equilibra a história pessoal



Ana Alexandrino/Divulgação

com a dimensão artística de um dos nomes mais significativos da MPB nos anos 1970 e 1980. Sandra também inclui "A Felicidade Bate À Sua Porta", primeiro sucesso do grupo As Frenéticas, do qual fez parte nos anos 1970.

"Estar no palco com o repertório do Gonzaga é um desafio que me move. São canções que pedem entrega e sensibilidade, e me sinto motivada e feliz para vivê-las no palco", afirma a cantora. A banda formada por Lourenço Vasconcellos, Pedro Moraez, Rodrigo Lima e João Bittencourt trabalha arranjos que atualizam a sonoridade das composições sem perder de vista a dramaticidade da escrita de Gonzaguinha, que oscilou entre o lirismo amoroso e a crítica social que soube bater de frente com a ditadura militar. (A. N.)

SERVIÇO

SANDRA PÊRA - EU APENAS QUERIA QUE VOCÊ SOUBESSE

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia) | 13/11, às 19h30
Ingressos entre R\$ 50 a R\$ 120

Sandra Pêra se diz desafiada pelo repertório do compositor

Divulgação

Rita & Raul, a Rainha e o Maluco Beleza

Show reúne clássicos dos dois ícones nacionais no Palácio da Música

Por Affonso Nunes

O Palácio da Música recebe nesta quinta-feira (13), às 20h, uma celebração aos dois maiores expoentes do rock brasileiro: Rita Lee e Raul Seixas. O show “Rita & Raul: Na Alquimia do Roque Enrow” propõe um diálogo musical entre os universos complementares e revolucionários da Rainha do Rock e do Maluco Beleza, figuras que redefiniram os rumos da música popular brasileira a partir dos anos 1970.

O quinteto responsável pela

apresentação é formado por Aline Lessa (voz e teclados), Luiz Lopez (voz, guitarra, violão de aço e teclados), Lancaster (contrabaixo), Allyson Alves (guitarra) e Kelder Paiva (bateria). O grupo percorre diferentes fases das carreiras de Rita e Raul, apresentando sucessos como “Ovelha Negra”, “Gita”, “Mania de Você” e “Metamorfose Ambulante”.

A proposta do espetáculo reside na sinergia entre os dois artistas, explorando pontos de contato que vão além da classificação rock brasileiro. Rita, egressa dos Mutantes durante o movimento tropicalista,



Aline Lessa e Luiz Lopez lideram uma formação que celebra as obras dos dois nomes mais marcantes do rock nacional

construiu uma carreira solo marcada pela irreverência, pelo experimentalismo e por uma liberdade criativa que desafiou padrões sociais e musicais pelas vias da contestação.

O baiano Raul mesclou rock com baião e referências da cultura popular brasileira, criando um universo sonoro único que incorporou misticismo, filosofia e crítica social.

Tanto Rita quanto Raul ousaram ao romper com fórmulas estabelecidas, fazendo do rock brasileiro um território de experimentação e liberdade.

O espetáculo apresenta mashups (combinação de canções diferentes numa única através de pontes entre as melodias) e novos arranjos que dedixam clara a conec-

xão entre os dois artistas.

SERVIÇO

RITA & RAUL - NA ALQUIMIA DO ROQUE ENROW
palácio da Música (Rua Buarque de Macedo, 87, Flamengo) | 13/11, às 20h
Ingresso: R\$ 60 e R\$ 50 (antecipado)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

No batidão do jazz

Nesta quinta-feira (13) Josiel Konrad leva ao palco da Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema, seu show Boca no Trombone, uma fusão de jazz, MPB e funk carioca. Cria da Baixada Fluminense, o músico representa uma nova vertente musical que emerge na cena brasileira e está ganhando projeção internacional. O show faz parte da celebração dos 120 anos da Light, que promove o festival Casa Light com apresentações intimistas com grandes nomes da música brasileira a preços populares.

Anderson Costa



Divulgação



Divulgação

Vozes da América

As artistas Natasha Llerena (foto) e Maria Luana apresentam show no Manouche nesta quinta-feira (13). A brasileira e a uruguaia interpretam repertório com canções de resistência latino-americana, acompanhadas pelo instrumentista Beto Lemos. Llerena desenvolve pesquisa sobre voz e ancestralidade no projeto “Cantar à Terra” e possui dois álbuns. Maria Luana, radicada em São Paulo desde 2014, estuda improvisação e cantos ancestrais, com o disco “Mamífera”. O espetáculo reúne composições próprias e releituras de artistas do continente.

Caetano ‘transado’

Conhecido por sua atuação na banda Móveis Coloniais de Acaju, o saxofonista Esdras Nogueira apresenta no Blue Note Rio, nesta quinta (13), às 20h, o espetáculo “Transe”. O show propõe uma interpretação do álbum “Transa”, de Caetano Veloso, lançado em 1972. A performance inclui todas as faixas do disco original, como “You Don’t Know Me” e “Triste Bahia”, com arranjos que incorporam afrobeat, jazz e improvisado. Acompanham Nogueira os músicos Vavá Afioni (baixo), Thiago Cunha (bateria), Marcus Moraes (guitarra), Thanise Silva (flauta) e Lôsha Buah (trombone).

MOLICA

FERNANDO



"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Bastidores, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio da Manhã Correio da Manhã

IMENES

MARTHA



"A economia é complexa e complicada de entender. Macro, micro, siglas, estrangeirismo... Quando escrevo, me pergunto: como eu gostaria de 'ouvir' isso?"

Martha Imenes

Jornalista, carioca, trabalhou nos extintos Tribuna da Imprensa e Jornal do Commercio, passou também pelos jornais O Dia, O Globo e Extra. Depois de 23 anos em redação, foi "pro outro lado do balcão" e chefiou as Assessorias de Comunicação da Secretaria de Trabalho e Renda do Estado do Rio de Janeiro, INSS e Ministério da Previdência.

De volta à redação, no Correio da Manhã escreve sobre economia, e nas recém-inauguradas editorias de justiça, funcionalismo público e previdência. É responsável pelas colunas Correio Econômico, Correio do Aposentado, Correio Jurídico e Jornal do Servidor.

FONSECA

RODRIGO



"Escrever sobre cinema é fazer filme em forma de palavra, é usar o espaço nobre do Jornalismo para estimular pessoas a provarem das novas tendências de uma arte que é a maior diversão"

Rodrigo Fonseca

Carioca de Bonsucesso, formado pelo extinto Cine Olaria, o jornalista, roteirista e autor teatral Rodrigo Fonseca passou pelas redações do Jornal do Brasil, O Globo e Estadão, em paralelo à sua travessia pela televisão, como autor e pesquisador na TV Globo e como roteirista no Canal Brasil. Escreveu sucessos dos palcos como "Chico Xavier Em Pessoa" e "Encontros Impossíveis" e biografou o eterno trapalhão de Sobral (CE) Renato Aragão.

No Correio da Manhã escreve sobre filmes, entre críticas, artigos e entrevistas, na cobertura de festivais do Brasil e do mundo.